



BOVARISMO EM AS NETAS DA EMA, DE EUGENIA ZERBINI

Rosana Arruda de Souza (UFMT)

Fausto Calaça Galvão de Castro (orientador - UFMT)

Resumo: Neste trabalho, objetiva-se discutir o bovarismo que se supõe presente em *As netas da Ema* (2005), de Eugenia Zerbini. O bovarismo, conceito cunhado pelo filósofo francês Jules de Gaultier, com base no romance *Madame Bovary* (1856), de Gustave Flaubert, refere à capacidade do ser humano de se conceber outro. Para esta discussão, lança-se mão de Gaultier (1892), bem como Butler (2003), Dalcastagnè (2005) para reflexão de outros pontos relevantes na narrativa, como gênero e mulher na literatura. Verificou-se que o bovarismo de Ema Bovary provinha de sua impossibilidade de ascender socialmente; de sua falta de liberdade; da leitura de romances românticos em que vislumbrava o estereótipo da mocinha feliz ao lado do homem perfeito; e da mesmice sobrevivida do casamento e da maternidade. ‘A neta da Ema’, por sua vez, é mulher independente e empresária bem-sucedida, mas insatisfeita por não ter o que Ema Bovary conseguiu — marido e filhos.

Palavras-chave: bovarismo. As netas da Ema. Madame Bovary

Introdução

Este trabalho tem o objetivo de discutir o bovarismo, ou a capacidade do ser humano de se conceber outro, conceito cunhado pelo filósofo francês Achille Jules de Gaultier de Laguionie (1858-1942). A discussão dar-se-á por meio de um diálogo entre o que o filósofo relatou sobre o bovarismo e dois romances que se aproximam da temática: *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (1856), de onde derivou o termo bovarismo; e *As netas da Ema*, de Eugenia Zerbini (2005), inspirado no anterior.

A primeira obra de Jules de Gaultier sobre o bovarismo data de 1892, intitulada *Le bovarysme: la psychologie dans l'œuvre de Flaubert*. O termo bovarismo deriva do sobrenome de casada da protagonista do romance *Madame Bovary*, romance famoso e muito utilizado ainda nos dias de hoje nos cursos acadêmicos, sobretudo os de Letras. Como é protagonizado por uma mulher, no contexto histórico francês do século XIX, sua

história entra em discussões sobre o feminino/feminismo e em áreas interdisciplinares. Jules de Gaultier parte da obra flaubertiana para falar do fenômeno que chamou de bovarismo, mas, posteriormente, passa a remeter-se ao conceito de maneira mais ampla, chegando a falar de um bovarismo, de um desejo de ser outro, como faculdade essencial do ser humano, não limitado à obra literária e muito menos à figura feminina. Daí em diante, outras áreas de conhecimento foram se apropriando do termo, como a Psicologia.

Além de *Madame Bovary*, outros romances tratam, ou se aproximam, da temática do sujeito que busca ser outro, insatisfeito com quem/o que é. Em 2005, no Brasil, a escritora paulista Eugenia Zerbiní publicou *As netas da Ema*. Como o título indica, o livro é inspirado em *Madame Bovary*. Porém, o contexto sócio-histórico é outro – há em *As netas da Ema* não a mulher do século XIX — insatisfeita com sua condição feminina pela falta de liberdade e impossibilidade de ascender socialmente, como é retratado em *Madame Bovary* — mas a mulher do século XXI, independente, que pôde estudar, trabalhar, viajar muito e usufruir de plena liberdade na vida para consecução de seus objetos profissionais e econômicos. Embora de tempos e condições diferentes, as protagonistas desses romances têm algo em comum. A narradora-personagem de *As netas da Ema* é, apesar da ascensão profissional e econômica, infeliz como Emma Bovary, protagonista de *Madame Bovary*. A infelicidade da que se chamou ‘neta da Ema’ provém da ausência de marido e filhos na vida, resultando em uma inveja da Emma flaubertiana, que se casou e teve uma filha.

É levando em conta esses diferentes contextos que se fará, aqui, um breve diálogo entre as obras, a fim de se perceber que, embora ambas tratem da história de mulheres infelizes, insatisfeitas pela não realização de seus desejos ao longo da vida, e ambas expressem o desejo de ser outro, o outro em cada obra não é o mesmo. A narradora-personagem de *As netas da Ema* deseja usufruir dos papéis de mãe e esposa de Emma Bovary e esta tem o desejo de ser livre tal como ela pensava que os homens eram, a aristocrata, a amante; e as duas desejam ser felizes.

O bovarismo

Madame Bovary trata das ilusões e desilusões de Emma Rouault, provinciana, leitora assídua de romances românticos, que morava com o pai no sítio e cuja mãe havia falecido há algum tempo. Sua vida era bastante tediosa e permeada pelo desejo de encontrar

o príncipe das histórias que lia. Apareceu, no sítio, o médico Charles Bovary e conquistou o apreço de Emma, que viu nele a abertura de um campo de expectativas, de mudança, de liberdade da vida monótona, e da descoberta do amor. Os dois se casaram; porém, em pouco tempo, a agora Emma Bovary, percebeu que a vida conjugal não atendia às suas ilusões. Desencantou-se novamente:

Antes de se casar, ela [Emma] achava ter amor; mas não tendo chegado à felicidade que deveria resultar desse amor, era preciso que ela tivesse se enganado, pensava. E Emma buscava saber o que exatamente se entendia na vida pelas palavras felicidade, paixão e embriaguez, que lhe tinham parecido tão belas nos romances (FLAUBERT, 2011, p. 114).

Após casar-se, o tédio permaneceu. Seu marido nada percebia e “achava que ela estava feliz; e ela tinha raiva dele por essa calma tão bem assentada, por essa gravidade serena, em razão mesmo da felicidade que ela lhe dava” (FLAUBERT, 2011, p. 122). A maternidade também não lhe trouxe felicidade; sonhava em ter um menino para não sofrer as mesmas privações que sofrera por ser mulher; decepcionou-se quando nasceu uma menina. Entregou-se à vida extraconjugal; teve dois amantes ao longo da história, acreditou por momentos que fosse feliz, mas “encontrava no adultério todas as platitudes do casamento” (FLAUBERT, 2011, p. 410). A personagem sofre mudanças bruscas de humor; ora quer ser a dona do lar, a mãe dedicada, ora é a amante apaixonada e sente repulsa pela filha — “como essa criança é feia” (FLAUBERT, 2011, p. 209) — e pelo marido; e “não estava feliz, nunca tinha estado. De onde vinha então essa insuficiência da vida, essa podridão instantânea das coisas em que ela se apoiava?” (FLAUBERT, 2011, p. 403). Ao ver-se sem dinheiro para quitar as dívidas realizadas com roupas caras para si e presentes para os amantes, suicida-se com arsênico.

Quanto à motivação do estado contínuo de insatisfação de Emma, Gaultier alega serem as condições externas, as quais teriam tido início no convento (Emma aos treze anos foi colocada no convento). Ali, tivera contato com os romances, às escondidas, e também com a educação que, pouco tempo antes, era destinada às meninas da aristocracia. Assim,

a educação da camponesa no convento das Ursulinas de Rouen, entre as jovens meninas chamadas pelo nascimento ou pela fortuna das elegâncias de uma vida aristocrática, é a primeira e a mais importante das circunstâncias exteriores que favorecem a eclosão da sua tendência a transpor sua personalidade; [...]; não está ela em direito de esquecer que é

uma camponesa quando a ensinam tudo o que é de natureza para brilhar a mulher na decoração de um salão? (GAULTIER, 1892, p. 29, tradução nossa).

Porém, o filósofo também reconhece o bovarismo como condição interna, espécie de doença:

[...]. Pela cegueira obstinada com a qual ela realiza sua incessante evolução, pelo seu fim trágico, ela personificou em si esta doença original da alma humana à qual seu nome pode servir de etiqueta, se nós entendemos por ‘Bovarismo’ a capacidade alienada ao homem de se conceber de outra forma que não é, sem levar em consideração as mobilidades diversas e as circunstâncias exteriores que determinam em cada indivíduo esta íntima transformação (GAULTIER, 1892, p. 26, tradução nossa).

Há quem critique Gaultier por essa indefinição dos fatores que levariam ao bovarismo, e também pelo fato de o filósofo, em seus primeiros estudos, estabelecer o bovarismo como algo próprio da personagem e, depois, conceituá-lo como algo comum do ser humano, a mola que permite o progresso da humanidade. Para Carvalho (2014, p. 26),

é importante destacar a contradição flagrante do texto de Gaultier, já que o bovarismo é considerado um tipo de manifestação que ocorre preferencialmente na modernidade e norteia um atributo do sujeito e da ficção moderna, não obstante seja uma faculdade essencial da humanidade e esteja presente em todos os tempos.

Não necessariamente se deve considerar essa contradição como ponto negativo nos estudos de Gaultier, tampouco como displicência sua. Partindo do pressuposto de que o bovarismo deriva do livro de Flaubert, são compreensíveis as ampliações conceituais – Emma Bovary é personagem também de difícil compleição, de variabilidade de humor. Em um momento, acredita-se que isso se deve à sua condição repressiva de mulher do século XIX; em outro, acredita-se que ela sofre de uma doença dos nervos; seu marido, Charles, busca a opinião de um amigo de mesma profissão: “levou-a [Emma] a Rouen para ver o seu antigo mestre. Era doença nervosa: ela devia mudar de ares” (FLAUBERT, 2011, p. 151).

Uma relação de *As netas da Ema* com *Madame Bovary*

O livro *As netas da Ema*, de Eugenia Zerbin, venceu o Prêmio SESC de Literatura 2004 e foi publicado pela editora Record, em 2005, no Rio de Janeiro. A narradora-personagem conta sua história em primeira pessoa, desde sua adolescência, em que seus pais foram presos em função da ditadura militar, até a vida adulta, aos cerca de cinquenta anos de idade, em que é empresária de sucesso, prestes a ganhar um prêmio de melhor empresária do ano. Como quem conta a própria história não é nomeada no livro, ela será chamada, daqui em diante, de ‘narradora-personagem’.

É importante vislumbrar o cenário de produção no qual o romance se instala, no que se refere ao papel ainda marginal da mulher na literatura. Regina Dalcastagnè (2005) fez uma pesquisa motivada pelo desconforto causado pela constatação da ausência dos pobres e dos negros na literatura. A partir de tal ausência, foram constatadas outras, como das crianças, dos velhos, dos homossexuais, dos deficientes físicos e, por fim, das mulheres. O *corpus* da pesquisa compunha-se de 258 obras, publicadas pelas editoras Companhia das Letras, Record e Rocco, entre 1990 e 2004, que preenchiam os seguintes critérios:

(1) foi escrito originalmente em português, por autor brasileiro nato ou naturalizado; (2) foi publicado pela Companhia das Letras, Record ou Rocco; (3) teve sua primeira edição entre 1990 e 2004; (4) não estava rotulado como romance policial, ficção científica, literatura de autoajuda ou infanto-juvenil (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 24).

Entre outras informações, a pesquisa constatou que, em tais romances, a maioria era escrita por homens:

chama a atenção o fato de que os homens são quase três quartos dos autores publicados: 120 em 165, isto é, 72,7%. Cerca de 70 anos após Virginia Woolf publicar sua célebre análise das dificuldades que uma mulher enfrenta para escrever, a condição feminina evoluiu de muitas maneiras, mas a literatura – ou, ao menos, o romance – continua a ser uma atividade predominantemente masculina (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 31).

No caso dos personagens, a maioria também são homens: “entre as personagens estudadas, 773 (62,1%) são do sexo masculino, contra apenas 471 (37,8%) do sexo feminino – um único caso foi alocado na categoria ‘sexo: outro’” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 35), e, no caso das personagens mulheres, estas geralmente ocupam papéis ligados ao

espaço doméstico: “o espaço das mulheres representadas no romance brasileiro contemporâneo é, sobretudo, o espaço doméstico” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 39).

As netas da Ema foi publicado pela editora Record, em 2005, assim, o romance certamente não entrou na pesquisa que abrangeu obras entre 1990 e 2004. De qualquer forma, o romance está na minoria de publicações cuja autoria é de uma mulher, a protagonista é uma mulher e seu papel não é de uma ‘do lar’, mas de empresária. Além disso, a história da protagonista se mistura à história da autora e mostra uma ascensão feminina no que se refere à superação de obstáculos e a ocupação de espaço profissional. Alguns dados da narrativa podem ser verificados extratextualmente, na vida real de Eugenia Zerbini, como, por exemplo, a prisão dos pais por ocasião da ditadura militar. Não se detalharão essas questões, mas destaca-se a reflexão proporcionada pelo romance sobre a mulher na sociedade, sobretudo quando contraposto à *Madame Bovary*. Não que este último não proporcione isso, porém, foi escrito por um homem. “Mesmo que outros possam ser sensíveis a seus problemas e solidários, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, verão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 16).

No segundo capítulo de *As netas da Ema*, a narradora-personagem fala sobre o fato de ela e suas amigas terem vivido na segunda metade do século XX, em que participaram dos movimentos feministas, lutaram contra as imposições machistas, adquiriram o direito ao voto, ao uso de anticoncepcionais e à liberdade sexual. Lembra-se do romance que lera na adolescência, *Madame Bovary*, e reflete:

sempre tive pena da Madame Bovary. Será que ela não via que seu marido, Charles, era-lhe extremamente devotado? Ela podia administrar o dinheiro e a casa, decidir se bordava, tocava piano ou lia poesia. Para agradá-la, haviam mudado de Yonville para Toste, onde nascera a filha, Berthe, nome escolhido por ela. Mesmo antes dos gastos extravagantes com seus figurinos, Madame Bovary deveria ter tido uma bela estampa, caso contrário, não seduziria Leon, mais jovem que ela. Charles permitia até que se divertisse, não se opondo a que dançasse com outro no baile, que andasse a cavalo com Rodolfo, seu primeiro amante, e que fosse regularmente a Rouen. Por que penar e se imolar, afinal, se tinha tudo para ser feliz? (ZERBINI, 2005, p.42).

No quinto capítulo, a narradora-personagem confessa à amiga que não se sente feliz, pois lhe faltam duas coisas que Emma Bovary teve: marido e filho. Para ela, a realização

pessoal de uma mulher só se dá por meio desses dois acontecimentos, o casamento e a maternidade. Sua amiga contesta:

e quem disse que as mulheres só se realizam no casamento? Sua avó, por exemplo, parece que começou a viver depois que enviuvou. Seu avô não gostava que ela fosse a festas, tocasse piano e frequentasse concertos. Você não diz sempre que ela comprou o piano com o dinheiro que recebeu do seguro de vida que lhe deixou? E filhos? Conheço mães que, no fundo, devem olhar para suas crianças e perguntar o que fizeram de suas juventudes, de suas vidas. No meu caso, a maternidade foi um grande acontecimento, uma revelação, mas sei que com cada um acontece de um jeito. [...]. Eu me realizei, é verdade, mas tem gente que só se realiza trabalhando, outras servindo aos outros, outras sendo artistas, outras escrevendo um livro (ZERBINI, 2005, p. 158).

Ao longo da história, a narradora-personagem acaba tecendo uma discussão sobre feminilidade, feminismo, satisfação da mulher. Quando relaciona sua vida à de Emma Bovary, ela coloca em contraponto o que se entende por satisfação feminina hoje, para a mulher do século XXI, e outrora, para a mulher do tempo de Emma. No excerto abaixo, quando a narradora-personagem declara “somos todas netas da Ema”, percebe-se que, a despeito da evolução temporal e das conquistas da mulher no âmbito social, político e profissional, as necessidades pessoais perduram:

somos todas netas de Ema Bovary. [...]. Entendemos o que é previdência privada e dívida pública, entretanto temos devaneios e fantasmas de mocinhas, que colocaram em nossas peles de bebê ao nascermos. Temos tudo para sermos felizes. Mas essas fantasias nos impedem de realizar essa felicidade (ZERBINI, 2005, p.160).

Emma queria ter dinheiro para poder desfazer-se da vida monótona; recorda-se das colegas do convento e imagina que elas estariam agora felizes, desfrutando de vida farta, frequentando bailes e teatros luxuosos. Pode-se depreender daí que o outro que Emma queria ser é o que a narradora-personagem é, mulher com condições financeiras o suficiente para sustentar os luxos sonhados por Emma. Entretanto, como foi visto, se Emma acabava por não satisfazer-se com nada – o casamento, a maternidade, a vida extraconjugal –, é possível deduzir que, se suas conquistas tivessem sido as mesmas da narradora-personagem, se tivesse sido do presente século, ainda assim, não teria sido feliz.

No caso da narradora-personagem, é possível apreender sentido semelhante. A princípio, quando ela sente a ausência de casamento e maternidade na vida e argumenta que

Emma “tinha tudo para ser feliz”, não se deve desde já concluir que ela queria ser o outro, a Emma, mas que, dentro dos ideais femininos da presente sociedade, não é suficiente ser a ‘mulher independente’. Essa questão remete às discussões sobre identidade feminina, no tocante à não unidade das necessidades da mulher, tampouco da categoria feminina. Cada mulher tem seus anseios, embora a sociedade, de certa maneira, exerça a cobrança do que seria um papel feminino ou quais papéis devem ser ocupados pela mulher em uma visão binária: de um lado, há a cobrança pelo ser esposa, mãe, do lar; do outro, a cobrança pela mulher independente, com profissão que ultrapasse as paredes do lar. Há um binarismo excludente, como se a mulher independente não pudesse ser também a mãe e dona de casa.

Há também quem pregue a independência feminina, o direito à escolha da mulher, não aceitando, no entanto, aquela que opta apenas pelo outro papel, o de não ser independente financeiramente. Judith Butler abre caminho para esta discussão, ao falar do gênero feminino como algo construído discursivamente; assim, “a controvérsia sobre o significado de construção parece basear-se na polaridade filosófica convencional entre livre-arbítrio e determinismo” (BUTLER, 2013, p. 27).

Butler tece vários questionamentos sobre identidade e um deles se refere à unidade de uma categoria de mulheres as quais lutariam por desejos semelhantes, quando, mesmo nesta categoria, podem-se encontrar desejos divergentes, mas que acabam velados pela necessidade de unidade. Neste sentido, não seriam os desejos de Emma e da narradora-personagem relevantes em uma sociedade apenas por se tratarem de desejos subjetivos, pessoais? Não haverá aprofundamento neste assunto para não haver fuga da temática proposta neste artigo. Apenas se ressalta como o bovarismo perpassa outras áreas de conhecimento, além da filosófica, mostrando-se um tema bastante atual. Trata-se de um conceito filosófico e, possivelmente, por isso, permita diálogo com outros assuntos e outras personagens, além de Emma Bovary e além das obras literárias.

Considerações finais

Neste trabalho, buscou-se realizar um diálogo entre os romances *Madame Bovary* (1856), de Gustave Flaubert; e *As netas da Ema* (2005), de Eugenia Zerbin; a fim de identificar um entendimento do conceito de bovarismo, estabelecido pelo filósofo Jules Gaultier.

A hipótese levantada foi a de que a insatisfação presente na protagonista de *As netas da Ema* se assemelha ao que Gaultier chamou de bovarismo a partir de *Madame Bovary*. A leitura de *As netas da Ema* e a discussão crítica dos autores, aqui consultados, permitem uma visão atual do bovarismo, bem como a ampliação do conceito. Embora os romances retratem contextos históricos diferentes, a insatisfação com a condição feminina perdura. Muda, porém, o *outro* que as protagonistas dos romances desejam ser. A narradora-personagem expressa sua insatisfação por não ter conseguido se casar e ter filhos, tal como Emma Bovary conseguiu.

Em *As netas da Ema*, não é o papel de empresária de sucesso que incomoda a narradora-personagem, mas a ausência do casamento e da maternidade de modo a atender os ‘padrões’ femininos da sociedade em que vive. Há uma incompletude em sua identidade advinda do questionamento do que computa a realização da mulher na sociedade – não resta ser inteligente, estudiosa, profissional de sucesso; falta ser mãe e esposa; daí a inveja que sente pela personagem do livro lido na adolescência.

Diante desta discussão, resta saber a respeito da necessidade da completude. É imprescindível esta completude? A mulher precisa, de fato, passar por todos estes papéis para que sua posição seja ‘legitimada’ socialmente? No caso de Emma Bovary, seu desejo de passar por diferentes papéis em busca da felicidade que nunca chegava provinha, dentre outros fatores, das leituras dos romances românticos em que figurava a mocinha delicada com final feliz ao lado do grande amor; assim, sua insatisfação era instigada por uma imagem pré-concebida e fixada pelos romances do que deveria ser uma mulher feliz. Fato semelhante ocorre no contexto da ‘neta da Ema’. Se as mulheres não leem os livros românticos, isso não as isenta de serem submetidas a imagens de padrões de feminilidade e, mesmo, padrões de realização pessoal.

Referências:

BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: _____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 17-60.

CARVALHO, Maria Elvira Malaquias de. **Bovarismo, epifania, bêtise: exercício de metacrítica flaubertina**. 166 f. Tese (doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, n. 26, p. 13-71.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**: costumes de província. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2011.

GAULTIER, Jules de. **Le Bovarysme**: La psychologie dans l'oeuvre de Flaubert. Paris: Librairie Léopold Cerf, 1892.

ZERBINI, Eugenia. **As netas da Ema**. Rio de Janeiro: Record, 2005.